Folha de São Paulo

CMP 1.2.2.176-1

Lobato-100 anos

Há um século nascia Monteiro Lobato, o maior nome da literatura infantil brasileira

Centenário de um pioneiro

Ernani Silva Bruno

A propósito de Monteiro Lobato — cujo centenário de nascimento se comemora hoje — não foi à toa que um seu amigo, o escritor Nélson Palma Travassos, publicou um livro a que deu o curioso título de "Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos".

Porque o homem das sobrancelhas grossas e pretas, além de criar a literatura infantil brasileira, descobriu o Jeca Tatu, agitou a opinião pública de seu tempo com uma campanha jornalística em favor do saneamento rural, escreveu crônicas e contos antológicos, reformulou a indústria do livro no País e, no fim da vida, teve tempo e ânimo ainda para empreender a campanha do petróleo, o que lhe valeu a prisão porque na época era proibido haver petróleo no Brasil, revogando-se as disposições em contrário.

Talvez por ter atuado em tantas "frentes" a imagem total de Lobato parece ter ficado algo comprometida. Mesmo no campo da literatura ele é visto, em geral — para os leigos — como autor de destaque apenas de histórias para crianças. Muita gente ignora o significado — dentro da história da literatura nacional — de suas crônicas de "Cidades Mortas" e de seus contos de "Urupês", que constituíram, na segunda década do século atual, algo de novo e de forte na prosa brasileira anterior ao movimento modernista.

Sendo figura bem representativa de uma camada da população brasileira em determinado período histórico, ele foi, ao mesmo tempo, um homem que sempre se antecipou à sua epoca, e suas principais atividades revelam seu inconformismo com as situações e a mentalidade dominantes. O que não quer dizer que não possam ser feitas restrições ou críticas à sua obra literária ou apontadas contradições e incoerências nas posições que ele assumiu em face dos problemas econômicos, sociais, políticos e culturais de seu tempo. A melhor homenagem que se pode prestar à sua memória, neste centenário, não é a que envolva uma postura de louvação incondicional, mas a preocupação de debater livremente e amplamente seus pensamentos e suas realizações. Como ele próprio, se fosse vivo, gostaria provavelmente que se fizesse.

O escritor menino, com as irmãs.

Lobato, aos 22 anos.

TEORIA DA MANDIOCA

Ao traçar o retrato do caipira brasileiro, Lobato fê-lo sem nenhuma simpatia humana, em páginas que são, no fundo, o desabafo de fazendeiro desanimado com a indolência e a irresponsabilidade de seus camaradas. Viu o cabloco do Buquira com olhos patronais — o que não impediu que o retrato fosse fiel. Com seu admirável senso humorístico, chegou a formular a Teoria da Mandioca, segundo a qual Jeca Tatu não mudaria de vida enquanto dispusesse de um alimento cujo preparo se reduzia a plantar, colher e lançar sobre brasas. "Se a grande Inglaterra saiu das ilhas empedradas e nevoentas da Caledônia — escreveu — é que não medrava nos pedrouços a mandioca. Medrasse e talvez lá os víssemos hoje, aos ingleses, tolhiços, de pé no chão, amarelentos, mariscando de peneira no Tâmisa."

Mas Lobato reconheceu em seguida seu erro e pediu perdão a Jeca Tatu: "Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim é cum piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade." E pôs todo seu talento de escritor a serviço da causa do saneamento rural, publicando na imprensa uma série de veementes artigos, reunidos, em 1918, no livrinho "Problema Vital".

Muitos anos depois, quem diria que o neto de um visconde, o fazendeiro do café no Buquira, o admirador do pragmatismo norte-americano, o empresário envolvido em mil negócios e inspirado pela filosofia do faturamento, tivesse a isenção e a coragem para proclamar: "A nossa ordem social é um imenso canteiro em que as classes privilegiadas são as flores e a imensa massa da maioria é apenas o esterco que engorda essas flores?"

O MODERNISMO

Mas o grande e ainda indecifrado enigma que envolve a trajetória de Monteiro Lobato foi sua oposição ou sua indiferença pelo movimento modernista que agitou a partir de 1922 as letras e as artes no Brasil. Seu livro "Urupês", publicado em 1918 — e cujos contos constituem um impressionante jogo de contrastes, mescla de tragédia e de humorismo, em que pôs todo o conhecimento do caipira paulista, que acumulara em seus tempos de fazendeiro do Buquira — desabou como um impacto sobre a literatura brasileira de seu tempo. O próprio Oswald de Andrade consideraria depois esse livro de Lobato como um primeiro marco da renovação sonhada pelos modernistas.

No entanto, Monteiro Lobato não aderiu ao Modernismo e não tomou conhecimento dele — como se pode verificar ao longo de sua extensa correspondência com Godofredo Rangel. Talvez — como observou o critico Antônio Candido — porque não percebeu que para a revisão dos valores intelectuais era necessária a revisão equivalente e paralela dos meios de expressão. Sua linguagem permaneceu aferrada aos moldes portugueses. Era munido da velha sintaxe de além-mar que Lobato abordava e destrinchava a vida e os costumes dos capiaus nativos.

Na realidade, falta ainda uma avaliação mais completa e mais perfeita do papel e da significação de Monteiro Lobato em face de nossa existência cultural. Avaliação de que poderiam ser pontos de partida sua biografia escrita por Edgard Cavalheiro e o rico material de informações contido nas cartas a Godofredo Rangel, publicadas em livro sob o título de "A Barca de Gleyre", cartas em que se refletem, ao longo de quarenta anos, os sonhos, as preocupações, as dúvidas e as reviravoltas do homem inquieto e irrequieto que ele foi. ■

Milhares de pessoas acompanharam o féretro do escritor, que saiu da Biblioteca Mário de Andrade.

Escritor, político e editor

Pesquisa do BANCO DE DADOS — "FOLHA"

Homem que dizia "não acreditar em nada por ser tudo muito duvidoso", José Bento Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté a 18 de abril de 1882 e teve suas crenças: por acreditar na indústria do livro, fundou nossa primeira editora; ao afirmar publicamente que havia petróleo no Brasil, acreditava no patriotismo dos homens públicos, e, por último, dirigiu sua crença às crianças, a elas entregando uma obra de 26 títulos.

Em sua vida excepcional há de tudo: a infância livre, a orfandade prematura, inteligência, coragem e luta, inclusive política. Antes de morrer, participava da edição da revista "Fundamentos" e estudava convite do Partido Comunista para vir a ser seu candidato ao Senado. Cândido Portinari foi o seu substituto, tendo perdido a eleição para Roberto Simonsen.

Dezembro de 1894 — *Lobato presta exame para ingresso no Ginásio, em São Paulo, para onde chegou, de Taubaté, com 7 anos.*

1897 — *Vítima de congestão pulmonar, falece na Capital o pai do escritor, que um ano depois perderia também a mãe.*

1900 — *Por imposição do avô, com quem viveu depois da morte dos pais, ingressa na Faculdade de Direito. Quatro anos depois formava-se e, em 1907 era nomeado promotor público na cidade de Areias, no Vale do Paraíba.*

1908 — *Casa-se com dona Maria Pureza da Natividade. Do casamento nascem os filhos Edgar, Guilherme, Marta e Rute. Da pequena cidade remete com frequência colaborações para jornais de Santos e do Rio.*

1911 — *Com a morte do seu avô, Lobato herda a fazenda Buquira, que vende em 1917 depois de constatar que seu futuro não estava no meio rural. Na fazenda escreve o "Jeca-Tatu", cujo personagem acaba sendo símbolo nacional.*

1918 — *De volta à Capital, compra a "Revista do Brasil" e publica "Urupês", seu primeiro livro para adultos. Cria a editora "Monteiro Lobato e Cia.", mais tarde transformada em Companhia Editora Nacional. Antes da sua iniciativa nossos livros eram impressos em Portugal.*

1921 — *Inicia-se na literatura infantil. As coisas não vão bem e quatro anos depois desliga-se da Companhia Editora Nacional. Viaja a seguir para os Estados Unidos e só regressa em 1931.*

1930 — *Seu livro "O Presidente Negro e o Choque de Raças", onde ele descreve a vitória de um negro nas eleições presidenciais norte-americanas, causa-lhe não poucos dissabores durante sua estada nos Estados Unidos.*

1931 — *Regressa ao Brasil e inicia luta pelo aproveitamento do minério do ferro e pela exploração petrolífera. Escreve uma carta ao presidente Getúlio Vargas, onde denuncia o interesse estrangeiro em negar a existência do "ouro negro" no País. Por este motivo, viria a ser detido no presídio Tiradentes de onde chega a remeter, para amigos em todo o País, cópias da carta considerada "ofensiva" pelo governo.*

1937 — *Quando finalmente o petróleo é descoberto na Bahia, Lobato está pobre e com pouca saúde. Mas continua lutando para que o País aproveite seus recursos naturais.*

1941 — *Os mesmos motivos anteriores levam o escritor à prisão novamente. Apesar dos seus 60 anos, continua ativo e não pára sua produção literária.*

1943 — *Numa entrevista ao jornal "A Noite", o grande escritor revela que até então havia vendido 1.167.100 livros. Era o ano em que o autor festeja os 25 anos do lançamento de "Urupês".*

1945 — *Lobato, com outros intelectuais, se bate pela Anistia. O escritor é um homem popularíssimo no Estado e no País.*

1948 — *Dia 4 de julho, vítima de um colapso, falece na Capital. Seu enterro, realizado no dia seguinte, é acompanhado por grande multidão, onde havia governador, ministros, secretários de Estado, parlamentares e, sobretudo, povo.* ■

Carlos Imperial foi Capitão Gancho, no filme de Geraldo Sarno.

No cinema, uma obra desprezada

Orlando L. Fassoni

Trinta e quatro anos depois de sua morte, Monteiro Lobato e sua infinidade de histórias continuam sendo ignorados pelo cinema brasileiro, que, sem tradição para construir bons filmes a partir de histórias dedicadas ao público infantil, ou infanto-juvenil, apenas esporadicamente usou temas de Lobato. As pesquisas dizem que ele continua sendo o escritor brasileiro que mais vende livros, mas o cinema nacional não tem levado nada disso em conta: o último filme adaptado do criador do Jeca Tatu foi feito em 1974, "O Pica-pau Amarelo", dirigido por Geraldo Sarno e com produção de Thomas Farkas.

Essa falta de interesse se torna mais constrangedora quando se sabe que os livros de Lobato já venderam perto de 15 milhões de exemplares no País, e que, anualmente, 300 mil novos exemplares são colocados nas livrarias para o atendimento de um público em potencial que tem feito aumentar sensivelmente o número de autores de literatura infanto-juvenil. Lobato apareceu pela primeira vez com uma história sua adaptada ao cinema na época do filme mudo, em 1920, quando Antônio Leite e Miguel Milani realizaram, com assessoria do próprio escritor, a versão de "Os Faroleiros", também intitulado "Drama Num Farol", interpretado por Antonio Latari e Clarinda Lopes.

Passaram-se 31 anos para que um outro cineasta, Alberto Pieralisi, tentasse reviver Lobato no cinema nacional ao construir a adaptação de "O Comprador de Fazendas", produção da Maristela Filmes com roteiro de Mário Del Rio e diálogos de Guilherme de Figueiredo. No elenco, Procópio Ferreira e Henriete Morineau e, como galã, Hélio Souto. A própria realização de uma obra baseada em Lobato acabou, dois anos mais tarde (1953) inspirando também o diretor Rodolfo Nanni: ele fez a versão de O Saci, com argumento de Artur Neves, uma obra modesta, realizada com mínimos recursos mas que, apesar da precariedade da produção, ainda está situada entre as melhores adaptações de Monteiro Lobato, com o cenário de Ribeirão Bonito, no interior de São Paulo, servindo de ambiente para o Sítio do Pica-pau Amarelo e o Rancho do Tio Bernardo.

É curioso verificar que um dos assistentes de Nanni, em "O Saci", foi Nélson Pereira dos Santos. O elenco tinha nomes como os de Paulo Matosinho, Lívio Nanni e Otávio Araújo, além de outros que interpretaram personagens famosos de Lobato, como Saci, Narizinho e Pedrinho. Em 1960, Milton Amaral fez a versão de outra história de Lobato, talvez a mais conhecida delas, "Jeca Tatu", que apenas serviu de pano de fundo para o humor de Mazzaropi, com pouco a ver com o que nos contou Lobato. O filme trazia Agnaldo Raiol, Lana Bittencourt, Celi e Toni Campelo em números musicais como "Azar é Festa", "Fogo no Rancho" e "Estrada do Sol", esta de Dolores Duran e Tom Jobim.

Em 1974, Geraldo Sarno realizou a última incursão sobre Lobato e seu rico universo de criaturas humanas ao fundí-las em "O Pica-pau Amarelo", tentando, com o filme, mais uma vez mostrar o valor da literatura de um autor que talvez tenha sido aquele que, em sua época, mais preocupação teve com a platéia infantil que continua marginalizada das sessões de cinema, muito mais hoje do que no começo dos anos 70. Sarno escreveu o roteiro com Armando Costa e usou a experiência de Anísio Medeiros para criar a cenografia e os fugirinos. Sarno, em 1971, já havia feito um documentário sobre Lobato, e nesse gênero deve ser citado, também, um outro curta-metragem intitulado "Jeca Tatuzinho", produzido em 1956 por Jean Manzon.

Se "O Saci", de Nanni, está entre o que se fez de melhor com a literatura de Lobato, "O Pica-pau Amarelo" fica com o mérito de ter sido o mais bem construído, com um visual caprichado e os personagens — dona Benta, Narizinho, Pedrinho, tia Nastácia, Emília, o visconde de Sabugosa — aguardando a chegada ao sítio do Pequeno Polegar e misturando-se com outros heróis de histórias como Tom Mix, Don Quixote, o barão de Munchhausen e Hércules, o que deu ao filme um aspecto de miscelânea imaginativa. O cinema, porém, continua devendo uma grande homenagem a Lobato e às suas criaturas. ■

Quinze milhões de livros vendidos

Joel de Almeida

Monteiro Lobato, de longe, é o autor que mais vende entre os autores editados pela Brasiliense. Seus trinta títulos já venderam nesses 37 anos nada menos que 15 milhões de exemplares, incluindo-se aí as coleções. Um número nada desprezível para um país como o Brasil. A venda anual de suas obras atinge atualmente 400 mil exemplares, sendo que "Fábulas", "Caçadas de Pedrinho" e o "O Saci" aparecem sempre entre os títulos mais vendidos.

"E já vendemos mais do que os 400 mil anuais", sustenta Caio Graco Prado, diretor da Brasiliense, posto ocupado pelo próprio Monteiro Lobato quando foi sócio da empresa, alguns anos antes de sua morte. Para Caio Graco, a principal razão da diminuição que se tem verificado na venda das obras de Lobato, principalmente de três anos para cá, se deve ao mesmo problema de toda indústria editorial no Brasil: o alto custo. "Com a desvantagem — acrescenta — de que os volumes de Monteiro Lobato normalmente são livros com grande número de páginas, o que encarece o produto final.

Para Caio Graco a veiculação dos personagens de Lobato em programas de televisão e histórias em quadrinhos não vem, de forma alguma, contribuir para a divulgação da obra do autor. O diretor da Brasiliense acha que provavelmente a programação de TV teria maior sucesso caso mantivesse a personalidade dos personagens: "O que há, porém, é uma deturpação. A Emília de Lobato é uma contestadora, uma menina que duvida de tudo o que lhe falam. Na TV transformaram-na numa boneca boba, consumista, que não tem absolutamente nada a ver com a personagem de Lobato."

Numa palavra, ele acredita que a televisão e demais veículos não contribuem para o aumento da vendagem da obra de Monteiro Lobato simplesmente porque não é a obra dele que está sendo transmitida. Apenas seus personagens é que estão sendo usados.

Neste ano do centenário do nascimento do grande autor infantil brasileiro, a Brasiliense espera aumentar suas vendas. Por isso está editando sua obra completa (23 títulos), em apenas um volume, luxuosamente encadernado, que estará à venda este mês ao preço de Cr$ 12 mil.

O Sítio de Belmonte

Belmonte, o grande caricaturista da década de 40, criador de inúmeros personagens, entre eles o famoso Juca Pato, que utilizava para suas críticas à sociedade nas páginas da "Folha da Manhã", foi quem conseguiu, com maestria, configurar as situações criadas por Monteiro Lobato do Sítio do Pica-pau Amarelo. Foi ele quem definiu graficamente o Visconde de Sabugosa, Emília, Dona Benta, Narizinho, o casarão do Sítio.

Antes de Belmonte outro artista gráfico havia iniciado um trabalho de criação do trabalho de Monteiro Lobato: Voltolino Lemo Lemme, talvez nosso principal caricaturista nas décadas de 10 e 20. Voltolino ilustrou pela primeira vez as obras de Lobato, na época em que as edições eram lançadas pela editora que levava o nome do escritor. Todavia, foi Belmonte quem conseguiu dar um total embasamento gráfico aos personagens de Lobato. Depois de Belmonte outros desenhistas trabalharam com os personagens do Sítio, como André Le Blanc, mas todos partiram da estrutura gráfica criada por ele. Partiram de Belmonte para chegar ao seu próprio traço.

"Belmonte realizou um trabalho de muito bom gosto, um trabalho 'arredondado', que teve muito a ver com o grafismo da época, influenciado pela escola européia (França e Inglaterra), e foi o único que conseguiu captar o universo do Sítio criado por Lobato." Assim é que Ivo Branco, jornalista e cineasta, define o trabalho de ilustração que Belmonte realizou a partir da obra de Monteiro Lobato. Ivo Branco realizou no ano passado um curta-metragem sobre a obra de Belmonte, a pedido do Museu da Imagem e do Som e da Universidade de Taubaté, que, juntos, estão realizando um trabalho sobre o centenário de nascimento de Monteiro Lobato, coordenado pelo professor José Carlos Sebe, da Universidade de Taubaté.

Ilustração de Belmonte

Belmonte iniciou a criação de personagens infantis na década de 30, nas páginas da "Folha da Manhã", com Bastinho e Bastião. No suplemento infantil de "A Gazeta" criou outros personagens, já em 40, e a partir daí que Belmonte começou a dar corpo aos personagens do Sítio. Para Ivo Branco a grande vantagem da compreensão, por parte do público, da obra de Belmonte era que ele podia dar continuidade à sua criação nos jornais com os quais colaborava. Sua criação, portanto, não se resumia aos livros de Lobato, mas se estendia a outros veículos.

Branco vê também alguma identificação do cartunista com Monteiro Lobato no aspecto do sentimento nacionalista, o qual, evidentemente, era muito mais forte no escritor. "Belmonte era um apaixonado por São Paulo; tinha um sentimento de relação com "o que é nosso" e é claro que isso o levava a uma postura nacionalista. Aliás, ele foi convidado várias vezes para trabalhar fora do Brasil, recusando-se sempre a aceitar a proposta." J.A. ■

CMP 122.176-2

Lobato-100 anos

"Um mundo sem autoritarismo, sem a voz do macho mandão"

Matriarcado no Sítio do Pica-pau Amarelo

Marcos Rey

Outro dia, ao ser entrevistado por uma repórter radiofônica, disse-lhe: sabe que sua profissão foi inventada por Monteiro Lobato? Eu me referia a Cléu, personagem itinerante das "Caçadas de Pedrinho", um dos primeiros livros do "Sítio do Pica-pau Amarelo", escrito quando nem repórteres masculinos ainda existiam no rádio. Mas o homem moderno que Lobato era não hesitou em colocar no Sítio uma menina famosa, "que falava pelo rádio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho, dando idéias de novas aventuras". Cléu ao ver-se metida na perigosa caçada, assustou-se e chegou a fazer "bico de choro", mas foi em frente tornando-se mais tarde sócia da Emília na posse do rinoceronte Quindim.

E garota independente que era, já naqueles outroras, badalada como profissional do rádio, teve tempo inclusive para suas paqueras: "Pedrinho que estava namorando a Cléu, não teve remédio senão achar que sim". Mas sua atuação maior foi contra o Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte, sátira mordaz contra "as coisas do governo", quando a jovem radialista manteve um bate-boca telefônico com o chefe do aludido, o detetive X. B2.

A feminista Cléu, embora de passagem, insere-se ao matriarcado absolutista do Sítio do Pica-pau Amarelo, onde só as mulheres têm vez: Dona Benta, Emília, Nastácia e Narizinho. O Visconde de Sabugosa, é claro, tem sua importância na série, se bem que muito exposto a chacotas e útil à exemplificação do intelectualismo vazio ou furado. Quanto ao Marquês de Rabicó, sua personalidade está explicada na seguinte frase referente a Cléu: "Emília não teve a coragem de contar que Rabicó era seu marido". E, de fato, a boneca logo divorcia-se do desprezado leitão, que só sabe comer, incapaz de curtir uma aventura ou apresentar uma boa idéia para as loucuras pica-pauenses.

Quanto a Pedrinho, a única referência familiar diz que é filho de uma filha de Benta, a Antonica, ignorando-se ao menos o nome do pai. Dessa forma, ele faz parte do poderoso clã feminino do Sítio do Pica-pau, deixando-se constantemente arrastar pelas imaginações da Emília e no geral das vezes acatando as ponderações da vovó. Mas quem manda naquele paraíso é a mulher, talvez um dos segredos de Lobato para apresentar aos leitores um mundo sem autoritarismo, sem a voz grossa do macho mandão, mas todo aberto às novas realidades e às mais velhas fantasias. Quem sabe um vovô, um pai ou um tio, querendo inibir, pusesse a perder todo o universo lobateano.

GRANDE ANFITRIÃO

Lobato criador de profissão, patrono das entrevistadoras do rádio, Lobato feminista. Outro Lobato não muito lembrado, pelo menos que eu saiba, é o adaptador, o catalizador de histórias, o grande anfitrião que sempre levava para o sítio convidados ilustres, de carne e osso ou fictícios, colhidos do noticiário ou bolados por outros autores, e sem preocupar-se com licenças ou pagamento de "roialtis". Se a personalidade ou personagem o interessasse, se já tivesse ressonância popular, introduzia-a sem pestanejar dentro dos limites de seu território ficcional.

E, em muitos casos ou quase todos, não primava pelo excesso de nacionalismo. Não era apenas do alimento do folclore brasileiro que o Sítio do Pica-pau Amarelo vivia. Mostrando-se homem atualizado, e talvez para neutralizar concorrências, ia buscar material de trabalho lá fora. Marcou um encontro saboroso entre Emília e a famosa Shirley Temple, a histórica garota prodígio do cinema norte-americano, numa sequência em que há alusão às quíntuplas Dione e a outro garoto prodígio do cinema, Jack Cooper, que vinha de representar Tom Sawyer na tela. Embora se preocupasse fundamentalmente com nossas raízes, transando com o Saci, a Cuca e o Boitatá, às vezes abria a janela do Sítio para o mundo.

Um mundo antiautoritário, dirigido por mulheres.

Era um nacionalista que tinha pavor ao caipirismo. Contratou o Capitão Gancho para trabalhar nas "Memórias de Emília". O ainda atual marinheiro Popeye participa dum entrevero com a boneca, onde o espinafre é substituído por couve picada e leva a pior. A Branca de Neve, que naqueles idos fazia filas nas bilheterias dos cinemas, com os sete anões, revitalizados por Walt Disney, também, convocados, dizem presente no Sítio, graças a uma idéia maluca da Marquesa de Rabicó. Lobato não era insensível ao Ibope universal. Peter Pan and Wendy, do escritor inglês J.M. Barrie, davam samba? Por que não usá-los?

As crianças tinham de saber que o mundo não acabava no Riacho das Águas Claras. Nada de xenofobia quando podia enriquecer pela abertura (desculpem a palavra) sua obra. Pela imaginação da Emília ou pela voz de dona Benta todos os contatos eram possíveis. E a verdade é que toda essa invasão estrangeira, certamente sem falar das fábulas adaptadas, não descarecterizou o Sítio do Pica-pau, que até a última linha continua uno e brasileiro.

REINAÇÃO ATÔMICA

Outra preocupação de Lobato era a de, a despeito de toda a fantasia, situar seus livros infantis na realidade dos anos em que os escrevia. Assim: "a situação tornou-se tão grave que o rei da Inglaterra, o presidente Roosevelt, o fuehrer da Alemanha, o duce da Itália, o imperador do Japão e o negus da Etiópia se reuniram em conferência para tratar do assunto". Essas informações podem passar também como modéstia (falta de visão?) de um autor que não esperava que sua obra fosse lida pelas próximas gerações que já não ouviriam em casa e nas escolas nem leriam nos jornais esses nomes tão assíduos e preocupantes nos dias em que se divertia pondo no papel as memórias da senhora marquesa de Rabicó. Aliás, foi essa preocupação com a atualidade que o levou a abolir em sua "História do Mundo para Crianças", acrescentando dois novos capítulos: "A Segunda Guerra Mundial" e "Hiroxima". Se mais vivesse, outros capítulos acrescentaria, na sua carreira atrás do tempo.

O Visconde e Emília, na adaptação feita pela TV Globo.

Aliás, já que falamos de Hiroxima, lembro que quando meu colega de adaptação do Sítio do Pica-pau Amarelo, Wilson Rocha, escreveu para a TV Globo, em 1978, uma história intitulada "A Reinação Atômica", provocou uma onda de protestos da parte daqueles que cultuavam Lobato mas que haviam lido apenas alguns de seus livros infanto-juvenis. Achavam absurdo colocar radioatividade nas vizinhanças da vaca Mocha e dos bolinhos de tia Nastácia. No entanto, nas "Histórias Diversas", lá está uma aventurazinha denominada "A Reinação Atômica", naturalmente escrita após 1945, em que Lobato já alertava quanto ao risco desse tipo de reinações.

Mais uma vez estava certo, não? ■

Marcos Rey é escritor, autor de "Ópera de Sabão", e um dos adaptadores do programa "Sítio do Picapau Amarelo", da TV Globo.

Lobato-100 anos

O cidadão ilustre de Taubaté

Fernando Paiva

Tal qual uma mãe do interior que recebe o convite de formatura de um filho há tempos longe de casa, Taubaté prepara-se, com indisfarçável orgulho, para a comemoração do centenário de nascimento de Monteiro Lobato. E não sem razão. Pois se Lobato — como o mais famoso "filho da terra" — através de sua obra projetou o nome de sua cidade natal, Taubaté também não fez por menos: foi em suas fazendas e convivendo com o seu povo que o escritor tirou a "sustança" para boa parte de seus escritos.

Um dos maiores conhecedores da obra de Lobato é o professor Paulo Florençano, diretor da Divisão de Museus e Arquivos Históricos da prefeitura, um dos idealizadores do Museu da Infância "Monteiro Lobato". E foi em seu estúdio repleto de livros de arte e fotos antigas que Florençano, um apaixonado pelas tradições do Vale do Paraíba, após oferecernos um autêntico cafezinho feito em coador de pano e comentar ironicamente algo a respeito do gosto de cafés feitos em coadores de papel, deu início à entrevista respondendo a uma pequena "provocação":

— Como é, professor: Lobato é mesmo taubateano ou teria nascido na Fazenda do Buquira, no município que hoje leva o nome dele?

"Monteiro Lobato nasceu em Taubaté — responde ele — há uma série de documentos, certidões de casamento e batismo que provam isso". A discussão acerca do local de nascimento de Lobato surgiu porque o atual proprietário da Fazenda do Buquira, "aliás, excelente pessoa" nas palavras do professor, "naturalmente mal informado, divulgou que lá teria sido o local de nascimento do escritor". A verdade é que Lobato herdou a fazenda depois da morte de seu avô, o Visconde de Tremembé, que o considerava o neto predileto. "A fazenda pertenceu ao Lobato quando adulto e lá ele escreveu Urupês , passando a ser conhecido como escritor", finaliza.

A questão, que hoje em dia "é fato indiscutível, consumado", de acordo com Florençano, chegou a causar uma grande polêmica televisiva algum tempo atrás, tendo de um lado os representantes do proprietário da "Buquira" e de outro os taubateanos, comandados por Oswaldo Barbosa Guisard, outro conhecedor profundo de Lobato. No final, venceram os taubateanos, com documentos irrefutáveis. E para que não haja qualquer dúvida futura a respeito do tema, encontra-se na chácara do Visconde, local em que o escritor nasceu e hoje transformada em Museu da Infância "Monteiro Lobato", uma declaração de sua única filha viva, Martha Lobato Campos, que esclarece de uma vez por todas a questão: Lobato nasceu lá mesmo. "É compreensível", esclarece o professor, "que o proprietário da Buquira tenha querido valorizá-la historicamente."

Mas, tanto a Buquira — localizada no km 33 da rodovia velha São José dos Campos-Campos do Jordão — como a Fazenda Sta. Maria, no bairro Ribeirão das Almas, em Taubaté, onde Lobato teve os primeiros contatos com os duendes da mitologia caipira, são lugares que valem a pena ser conhecidos.

CARTAS PARA O SÍTIO

"Dona Benta — 12.100 — Taubaté (SP)." Envelopes com estes dizeres, vindos de várias partes do Brasil, chegam constantemente à cidade. Seus remetentes são crianças que, fascinadas com as aventuras das personagens lobateanas, procuram entrar em contato mais direto com elas. "Essas cartas", explica Florençano, "são provas da imensa popularidade dos livros de Lobato junto ao público infantil. São cartas para Narizinho, Pedrinho e principalmente para a Emília — que lidera o número de correspondência recebida". E são respondidas? "Sim", continua ele, até há pouco tempo atrás, eram respondidas pelo criador da "Semana Monteiro Lobato", Guisard, muitas vezes com dinheiro do próprio bolso. "Atualmente, a Prefeitura está cuidando do assunto, de modo a não deixar nenhuma criança sem resposta".

— E amigos, contemporâneos de Lotabo, perguntamos, ainda existem alguns? Pessoas que conviveram pessoalmente com ele aqui em Taubaté?

"Nada mais fácil", diz ele, "o professor Gentil mora nesta mesma rua, algumas quadras adiante, e é o único amigo íntimo de Lobato, aqui em Taubaté, ainda vivo".

O ÚLTIMO DOS JACARÉS

Num antigo sobrado de cor indefinida da rua 15 de Novembro mora Gentil Eugênio de Camargo Leite. Ex-professor de Latim, fundador do primeiro Ginásio de Taubaté, e ex-jornalista, é o único remanescente do grupo dos "três jacarés". A alcunha foi dada por Lobato, pois os três — Gentil, Cesídio Ambrogi e Urbano Pereira — sempre se recusaram a morar fora de Taubaté. "O Lobato dizia que a cidade era uma espécie de lagoa e nós, os jacarés, sempre à sua volta, sem sairmos nunca", explica ele. Com 82 anos, extremamente bem-humorado, o professor fala dos tempos em que, com outros companheiros, fundaram o Ginásio de Taubaté, mais tarde Ginásio Estadual (ou "Estadão", como é mais conhecido) e atualmente Escola Estadual de 1.º e 2.º Graus "Monteiro Lobato". A escola, que neste ano completa o seu 50.º aniversário, passou por momentos difíceis. "Trabalhamos de graça, eu e meus companheiros, durante dois anos", relembra Gentil, "dois anos sem salários até que o governo encampasse a escola".

Personagem viva da história e do folclore taubateanos, Gentil afirma que foi com ele que Lobato, quando caminhavam pelas ruas da cidade, fez a célebre piada: "Gentil", dizia Lobato, "Taubaté é a cidade mais cheia de vida que conheço". Ante a expressão interrogativa do amigo, o escritor explicava: "Pois se a vida é um buraco, como diz o ditado, com o número de buracos no calçamento de Taubaté, ela é sem dúvida a cidade mais cheia de vida do mundo..."

Além de ter sido o revisor de muitas das obras de Lobato, o professor trocou com ele — ou como observa maliciosamente: "Ele me escreveu um bocado, mas eu quase nunca respondia" — razoável volume de cartas. Exemplo da grande amizade entre Lobato e os "jacarés" é uma carta, posteriormente publicada no volume. "Cartas Escolhidas", em que o escritor, desesperado e amargurado pela perda recente de seu filho Edgard, agradece a Gentil pelo afeto fraterno demonstrado numa hora difícil.

Também coube ao último "jacaré" o pontapé inicial que viria a dar origem à "Semana Monteiro Lobato", outro grande orgulho da cidade. "Eu estava dando uma conferência sobre Euclides da Cunha para os membros do Rotary Clube, na sede do Country Club de Taubaté. Observei que a vizinha cidade de Lorena, não era a terra natal dele e, no entanto, havia ali a "Semana Euclides da Cunha". Ora, e como era possível que Taubaté, terra de Lobato, não tivesse ainda uma semana em sua homenagem?" Fazendo um gesto ao mesmo tempo eloquente e malicioso, ele finaliza: "Terminei o discurso dizendo que lançava a semente daquela idéia na terra fértil do Rotary Clube de Taubaté e aí a coisa foi." O ano era 1952.

OS PAIS DA CRIANÇA

"É, hoje em dia todos querem ser o pai da criança, mas a coisa não era bem assim, há 30 anos atrás." Estamos dentro da sala de visitas da casa de Oswaldo Barbosa Guisard, conhecidíssimo em Taubaté por ser um dos fundadores da hoje célebre "Semana Monteiro Lobato". E quem faz o comentário sobre o "pai da criança" é Dona Dinorá, mulher do "seu" Oswaldo e companheira de lutas na organização da "Semana" desde o seu início, em 1953.

O fato é que "seu" Oswaldo, um dos rotarianos presentes à conferência dada por Gentil de Camargo nos fins de 1952, resolveu levar a coisa adiante. E acabou por realizar, no ano seguinte, a primeira "Semana Monteiro Lobato". Recebendo doações de pessoas e empresas da cidade, Guisard conseguiu manter a comemoração viva e consecutiva por 29 anos. "Minha maior desilusão — diz ele — é a de não poder participar como sempre participei, ativamente, da organização da 30.ª Semana, que este ano coincide com o centenário de nascimento do Lobato." E a não-participação ativa de "seu" Oswaldo nos atuais festejos se deve a um derrame cerebral que teve em agosto do ano passado. Este fez com que ele não pudesse mais tratar da organização da "Semana" com o mesmo vigor de antigamente. "Não fosse isso", reclama ele, "e eu estaria por aí cuidando de quase tudo, apesar dos meus 78 anos".

FOFOCAS DA TERRA

Na verdade, a "Semana Monteiro Lobato", hoje organizada e realizada pela Prefeitura Municipal da cidade (**veja a programação no quadro**), já teve seus adversários. "Primeiro", conta Dona Dinorá, "havia uma história de que Monteiro Lobato dizia que não gostava de Taubaté, que quando ele por aqui passava, rumo ao Rio, fechava a janela do trem para não ver a cidade. Ou que, quando por acaso vinha por aqui, antes de entrar no automóvel ele limpava a bota, para não levar terra de Taubaté para casa. Imagine! Tudo invencionice dura e pura!"

Além das fofocas da terra, entretanto, "seu" Oswaldo já teve que enfrentar uma oposição bem mais real e poderosa: a do clero local. Ele conta que nos anos das primeiras "Semanas", havia uma forte reação de certos setores da Igreja quanto ao conteúdo das obras infantis de Lobato. "Aquela época foi de uma luta imensa", rememora ele, "havia um padre na Bahia, o padre Sales Brasil, que fez um livro grande contra o Lobato. O título era "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças". Dona Dinorá comenta que, em Taubaté, a maior oposição se deu por parte dos padres do Colégio Diocesano, que teriam até pedido aos alunos livros de Lobato para queimá-los depois. "Eles marcaram lá um dia certo para os meninos levarem os livros na escola. Quem não levasse livro do Lobato, não tinha aumento de nota. Quem levasse, tinha. Fizeram isso pelo menos uma vez. Eu me lembro, por causa dos meus dois sobrinhos"... Outro colégio que teria utilizado esta prática pirotécnica de se colocar no Índex as obras lobateanas foi o "Sacré Coeur" do Rio de Janeiro.

TRISTÃO E O BISPO

"Havia gente que acusava Lobato de ser mau patriota, de levar as crianças para o comunismo através da literatura etc." prossegue "seu" Oswaldo Guisard. "Um caso interessante foi o do Tristão de Athayde, nosso convidado para uma das "Semanas". Ele estava sentado no restaurante do hotel, antes da conferência, quando recebeu uma carta". Após ler o que dizia a misteriosa carta, Tristão deu uma risada, amassou-a e a jogou fora, voltando à conversa. "Aí", continua Dona Dinorá, "um dos nossos companheiros, se não me engano o Sayão Lobato, acabou pegando o papel, de fininho. Era uma carta do bispo, dom Francisco Borges do Amaral, pedindo para ele não fazer a palestra, pois era um intelectual católico respeitado." E a palestra foi dada? "Claro!", diz Dona Dinorá "O Tristão nem ligou para o bispo"...

Para finalizar nossa conversa, que então começa a entrar pela noitinha neste sábado de Aleluia, com os sinos das igrejas a nos lembrar da volta para São Paulo, perguntamos ao "seu" Oswaldo:

— Valeram os 29 anos de luta pela "Semana" e por Lobato?

Ele então se dirige ao velho escritório entulhado de papéis, livros, aquarelas pintadas por Lobato e volta com um enorme embrulho debaixo do braço. "Me ajudem aqui", pede ele, enquanto desamarra o cordão que prende o papel marrom. É um exemplar contendo toda a obra infantil de Monteiro Lobato, uma edição comemorativa do centenário de nascimento do escritor. "O Caio Graco, da Brasiliense, me mandou, junto com uma carta. Disse que é o primeiro exemplar, o número um desta edição especial. Só isso, esse livro como presente, é suficiente para que eu me sinta recompensado." ■

A Chácara do Visconde, em 1963 e atualmente.

Ilustração de Petchó

Foto de Francisco Capella Jr.

Gentil de Camargo, o "jacaré".

A "Semana" e as comemorações do centenário

Aqui, um roteiro com algumas sugestões de eventos da "30.ª Semana Monteiro Lobato", em Taubaté, que começa hoje e vai até 25 de abril.

Dia 18 — *Às 10 horas, em São Paulo, uma solenidade póstuma junto ao jazigo do escritor. Em Taubaté, a partir das 10h30, uma boa dica para os filatelistas: o lançamento do selo comemorativo do centenário, na chácara do Visconde. À noite, abertura oficial da "Semana", na praça D. Epaminondas.*

Dia 19 — *Exposição de Artes Plásticas.* Vernissage *no Paço das Artes, na praça Oito de Maio.*

Dia 20 — *Para quem gosta de moedas e selos, na Biblioteca Infantil de Taubaté, uma exposição filatélica e numismática. A partir das 20 horas.*

Dia 21 — *Música na praça Monsenhor Silva Barros, com apresentação da Orquestra Sinfônica da Universidade de Taubaté. As 20 horas.*

Dia 23 — *As 20 horas, no antigo Cine Urupês, mais música: desta vez com o Coral do Estado de São Paulo.*

Dia 24 — *Quem gostar ou quiser conhecer um jogo de malha, dê um pulinho no Clube Atlético Ceteiense para assistir ao encerramento do torneio, às 19 horas. Saindo de lá, o negócio é correr até a praça Monsenhor Silva Barros para assistir a uma manifestação típica da música da terra, meio rara em São Paulo: a "Noite da Seresta" começa às 8 horas e Renato Teixeira (um dos exparceiros de Elis Regina) vai estar lá.*

Dia 25 — *Há uma prova pedestre às 9 horas na chácara do Visconde. Aproveite para visitar o local e correr também. Às 10h30, no Salão de Artesanato da Prefeitura, abertura da exposição de fotos "Lobato e sua Região". Vá lá conferir a qualidade das fotos do pessoal do Vale que, se saíram ao Lobato — que também era fotógrafo. O grande acontecimento, porém, é a chamada "Marche Aux Flambeaux", uma coisa que poucos paulistanos devem conhecer: uma marcha enorme, com tochas, algo bem típico de cidades do Interior. Na avenida 9 de Julho, a partir das 19h30. E termine a noite no popular "Bar Ubirajara", onde vai haver, a partir das 21 horas, o encerramento do "23.º Torneio de Bocha", categoria individual.* ■

"Meu pai sempre foi do contra", diz Marta Lobato

"Olha, vocês vêm aqui atrás de algo inédito, ainda não revelado sobre papai, mas tudo já foi dito, escrito." Assim se desculpa Marta Lobato Campos, 73 anos, a única filha viva de Monteiro Lobato. E acrescenta, rindo: "Às vezes até dá vontade na gente de começar a inventar coisas novas." Morando numa casa confortável no Jardim Paulistano, ela conserva ainda boas lembranças do pai. Com ela se encontra boa parte dos móveis originais da chácara do Visconde de Tremembé, seu bisavô; vários álbuns de fotografias, além de aquarelas, quadros, desenhos a nanquim e fotos feitas pelo pai. Numa das paredes, ocupando um lugar de destaque, uma pintura a óleo retratando Lobato, com a assinatura do mesmo embaixo. Ela explica que não se trata, entretanto, de um auto-retrato: "Foi pintado por meu marido, nos últimos anos de vida de papai. Ele já se encontrava bastante cansado, exausto, quando posou para o retrato. Como lembrança, meu marido pediu para que ele autografasse o quadro."

Da vida do pai, ela relembra fatos como a prisão do escritor, no começo dos anos 40: "Meu pai sempre foi do contra. Na época do Getúlio, por causa da questão do petróleo, mamãe dizia que era para ele sossegar um pouco, pois iria acabar sendo preso, tantas ele fazia. E ele respondia que seria ótimo, pois aí teria descanso e poderia escrever bastante. Mas, quando foi preso, ficando três dias incomunicável, foi aquele transtorno." Na prisão, ela diz que o pai, passado o período de incomunicabilidade, chegou até a engordar: "O diretor da penitenciária nos dizia que nunca tinha visto um preso receber tanta visita. Todo mundo ia para lá, com doces, comidas, livros e presentes. E ele ficou muito amigo dos presos, principalmente dos comuns.

Lobato chegou mesmo a empregar, como jardineiro de sua casa, um paraibano que saíra da penitenciária após cumprir pena por 5 homicídios. "Ele trouxe o homem para casa — recorda ela — e foi um terror: mamãe ficava morrendo de medo daquele homem no jardim, com uma peixeira que tinha cinco marcas no cabo. Papai dizia que não tinha perigo, que o homem era boa pessoa, mas acabou mandando-o de volta para a terra dele." Ainda a respeito de algo inédito sobre o pai, ela fala que o único material existente "são as cartas dele para o Cesídio Ambrogi, de Taubaté, que se encontram com a mulher dele atualmente. Todo o resto já foi publicado".

Mas há algumas perdas. E é sua filha Joyce Campos Kornbluh, neta de Lobato, quem explica: "Quando vovô foi para a Argentina, deixou vários caixotes de documentos com o Edgar Cavalheiro, para que ele escrevesse a biografia. Quando voltou, o Edgar não havia ainda terminado a obra e o material ficou lá. Depois meu avô morreu, foi aquela confusão toda. Um dia, depois que o livro saiu, deu um estalo na cabeça de minha avó: onde estaria o arquivo? Quando o foram buscar, não tinha mais nada: muita coisa rasgada, papéis faltando, 80% do material havia desaparecido. A única lembrança que temos, e a mais importante, é a 1.ª edição de "Urupês", com ilustrações do próprio vovô e do J.Wasth Rodrigues." F.P. ■

Foto de Francisco Capella Jr.

Marta Lobato Campos

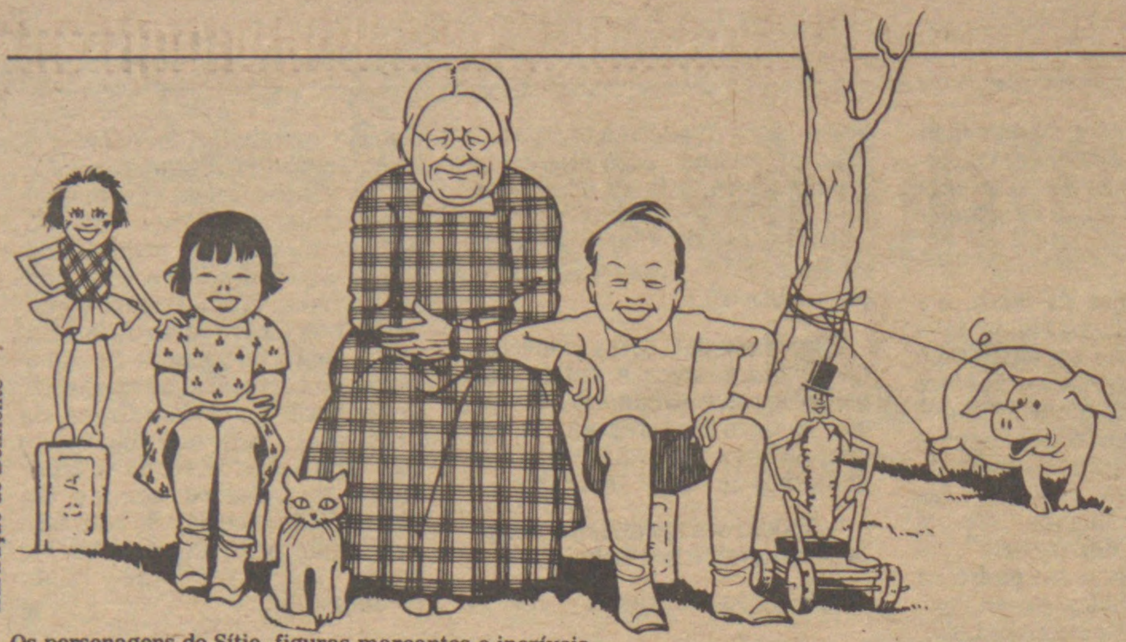

Ilustração de Belmonte

Os personagens do Sítio, figuras marcantes e incríveis.

Emília representa a irreverência, o questionamento e a contestação

Sem fronteiras entre realidade e fantasia

Tatiana Belinky

O meu relacionamento com a literatura infantil de Monteiro lobato talvez seja especialmente significativo em razão de eu ter chegado ao Brasil, de Leningrado, já grandinha, com dez anos, e trazendo na cabeça um acervo considerável de leituras (de uma época sem estórias em quadrinhos nem televisão). Eram literalmente dezenas e dezenas de livros lidos, relidos e muito curtidos da literatura especializada. Eu já havia lido todos os Grimm, Andersen, Perrault, Collodi, Hauff, Ségur, Busch, Spyri, Barrie, Lewis Carroll e tantos outros, os meus russos amados, Púchkin, Turguêniev, Tchukovsky, Marchak, fábulas de Esopo, La Fontaine, Krylov, e mais as adaptações "para o pequeno leitor" de clássicos como "Gulliver", "Don Quixote", "Robinson Crusoé", seleções das "Mil e Uma Noites" etc. E se isto parece muito, convém lembrar que eu comecei a ler muito cedo, aos cinco anos, e em dois idiomas: russo no começo, logo depois também alemão, o que me dava acesso a grande número de originais e traduções. E eu lia muito mesmo, apaixonadamente. Isto sem falar no que os meus pais e avós liam e contavam — e cantavam — para mim.

Mas foi somente aos onze anos que tomei conhecimento da existência de Monteiro Lobato. (Criança aprende línguas muito depressa, e bem menos de um ano após a chegada ao Brasil eu já estava muito à vontade em português). Pois bem, esse primeiro contato com o extraordinário escritor brasileiro foi uma surpresa, quase um choque, e um deslumbramento.

Embora eu já tivesse passado, a rigor, da idade de começar a ler Lobato, o encontro com o mundo do Sítio do Pica-pau Amarelo foi uma novidade e uma maravilha: eram livros nos quais eu podia "morar", como queria o próprio Lobato.

Era um pequeno-grande mundo sem fronteiras entre a realidade e a fantasia, um mundo rural e, para mim, um tanto "exótico" — o que só o tornava mais interessante e fascinante — com o seu modo de vida diferente do que eu conhecia. E com as figuras marcantes e incríveis da Emília, do Visconde de Sabugosa, da Tia Nastácia, do Tio Barnabé (o único boneco "vivo" que eu conhecia era o Pinóquio, e personagens negros eram uma novidade total). E o folclore para mim totalmente inédito, o Saci, que delícia! E a identificação com as crianças do Sítio, Narizinho e Pedrinho, crianças felizardas, vivendo a "realidade" de um mundo mágico, num ambiente de natureza "tropical" — isto também tinha um encanto todo especial para mim, menina urbana de um clima tão diferente. Crianças vivendo em férias perpétuas, sem obrigações nem preocupações, numa liberdade ideal (que só muito mais tarde vim a intuir ser devida em boa parte à ausência no Sítio das presenças "coartadoras" de pai e mãe...).

CONTESTAÇÃO INTELIGENTE

Mas o melhor mesmo — e, isso sim, diferente de tudo o que eu já conhecia — era o "espírito" que dominava as histórias e os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, em especial, é claro, Emília. Um espírito de irreverência sadia, de questionamento, de contestação inteligente, de não-aceitação de imposições gratuitas, de "não engolir sem mastigar" — tudo isso com um enorme senso de humor, não só nos episódios e peripécias, como na própria linguagem vivaz e inovadora. E tudo sem "culpa", sem qualquer sentido do "pecado da desobediência" — como, por exemplo, no caso de Pinóquio, personagem também "do contra", mas sempre às voltas com as noções de "crime e castigo", recompensa da "virtude" e punição da "maldade". É bem verdade que, quando pequena, eu me identificava também com Pinóquio, de certa forma invejava-lhe a coragem de fazer o que lhe dava na veneta — mas ele não era como a Emília, que fazia e dizia o que lhe dava na telha, sem problemas de qualquer espécie, sem culpa ou arrependimento, sem pieguice, "dando-se ao respeito" até mesmo quando abria a "torneirinha de asneiras".

"Eu me imaginava na pele de Narizinho, e era gostoso; na de Pedrinho — por que não querer ser menino de vez em quando? — e era bom. Mas delicioso mesmo era me imaginar na pele de pano da Emília, livre e solta, podendo falar "asneirinhas", "agredir" os amigos, ser respondona, egocêntrica, às vezes malcriada, outras vezes prepotente (em especial com o empertigado Visconde de Sabugosa); podendo, por exemplo, "xingar" um almirante britânico (num dos episódios do Sítio) de "bife malpassado" ("insulto no qual não há mais "racismo" do que na malcriação de chamar Tia Nastácia de "negra beiçuda", ou o Pedrinho de "cara de coruja seca"). E de ter o poder de corrigir a "moral" das fábulas clássicas, fazendo justiça ao dar uma série de "portadas" na cara da Formiga, para ela aprender a não dar com a porta na cara da Cigarra, por exemplo. Ou retificar a "moral" do "fazer o bem sem olhar a quem", para a pragmática moral de "fazer o bem olhando bem a quem", e "para os maus, pau". Ah, o senso de justiça da Emília, como eu vibrava com essas coisas! E como lhe invejava a franca autenticidade, a "fidelidade a si mesma", tão "nietzscheanamente" lobatiana.

E que dizer de reencontro, em chave crítica, com os personagens de minhas leituras européias? Como foi importante rever, no mundo da fábula e da fantasia vizinho ao Sítio e no próprio Sítio, figuras como Peter Pan e o Pequeno Polegar, Branca de Neve e Don Quixote, Aladim e o Barba Azul e tantos outros, se relacionando, num novo contexto, com as crianças, os (poucos mas ótimos) adultos, os bonecos e os bichos — Burro Falante, Marquês de Rabicó, Quindim, o rinoceronte — num relacionamento dinâmico e desmistificador. E mais os personagens das fábulas, do populário, da mitologia. E da História, da Geografia — sim, eu gostava também desses livros, os "paradidáticos". Hoje eu posso achar — saber mesmo — que os primeiros livros de Lobato, os de pura e desbragada fantasia, são melhores como literatura. Mas na época eu me divertia igualmente com os tais paradidáticos. Afinal, também eles se passavam no Sítio do Pica-pau Amarelo, com suas informações gostosamente entrelaçadas com as peripécias e temperadas pelos comentários do pessoalzinho do Sítio. E eu sei por mim mesma e por observação que criança gosta de aprender, de "ficar sabendo coisas", embora, com carradas de razão, não goste de ser ostensivamente "ensinada" e muito menos doutrinada.

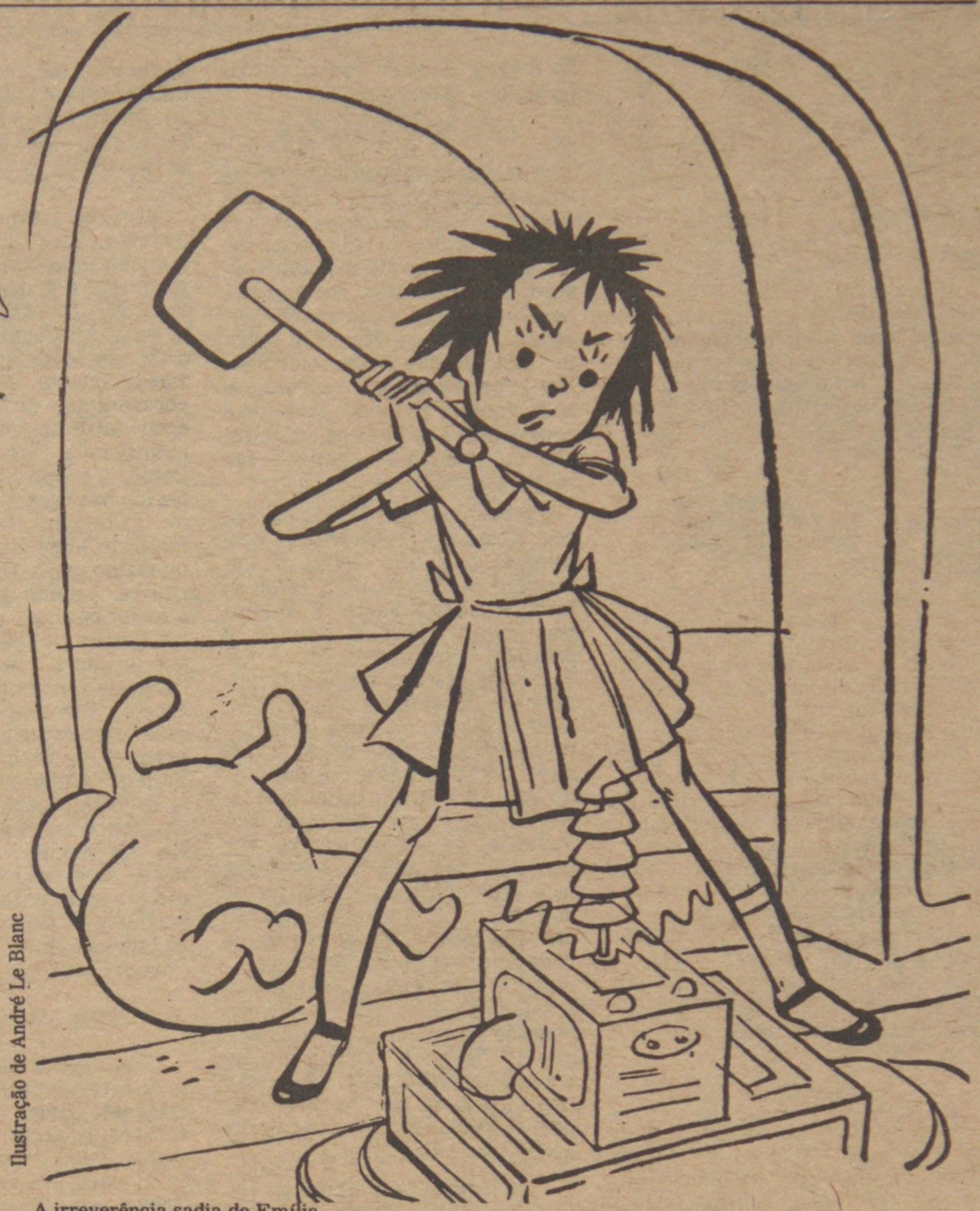

Ilustração de André Le Blanc

A irreverência sadia de Emília.

O REENCONTRO

Em suma, na minha infância e pré-adolescência, curti e muito, o Sítio do Pica-pau Amarelo, que foi muito importante para a minha formação. Isso foi na década de trinta. O tempo passou, cresci, casei, tive os meus filhos. Em 1949, começamos a fazer teatro para crianças, o Júlio Gouveia, meu marido, e eu — ele produzindo e dirigindo, informado pela sua formação de médico-psiquiatra e psicólogo, e eu escrevendo os textos, baseada nas minhas leituras (e idéias, é claro), — para a Prefeitura de São Paulo, todos os fins de semana. Isso durou cerca de dois anos e meio. Aí surgiu a televisão, e fomos convidados a apresentar, na TV Tupi, o nosso espetáculo teatral então em cartaz. Foi provavelmente o primeiro teleteatro da TV brasileira, nos idos de 1951. Em seguida veio o convite para fazermos um programa permanente, semanal. E logo mais outro, e mais outros, sempre teleteatros. E para um seriado infanto-juvenil brasileiro, quem melhor do que Monteiro Lobato, o que melhor do que o Sítio do Pica-pau Amarelo, com seu ambiente fantástico-realista, seus personagens incríveis, e a quantidade enorme de estórias e aventuras?

E foi assim que, já adulta e mãe de família, tive a minha grande "recaída" em Monteiro Lobato "infantil". Reli as histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo, do primeiro ao último volume, e, sem surpresa, me deliciei e me diverti e curti tudo de novo. Já com outro enfoque, com outras intenções, com olhos de adulta, mas sem jamais perder de vista a perspectiva de criança. Sem nunca esquecer o que me dava prazer e me "fazia cócegas", quando eu era uma garota estrangeira que caíra num mundo novo, tão especial, tão ricamente brasileiro, e, no seu imaginário, na sua inteligência, humor e senso crítico construtivo, tão emancipador e transformador, tão "abridor de olhos" — e tão universal.

Daí, foram quase catorze anos de Sítio do Pica-pau Amarelo na televisão, com os textos adaptados por mim (com um respeito descomunal pelo autor original), e produzidos, dirigidos e apresentados pelo Júlio Gouveia. Ainda em preto-e-branco, ainda ao vivo, sem videoteipe, sem equipamentos sofisticados, sem "externas", sem grandes verbas — mas feito com amor e garra, por um grupo dedicado e entrosado de atores, apoiados por uma equipe verdadeiramente criativa e entusiástica de técnicos, num trabalho pioneiro, recompensado pelo insofismável sucesso de público (e de crítica), atestado pelo altíssimo "Ibope" — 60, 70% de audiência — quando já funcionavam três emissoras em São Paulo.

Mas o mais interessante é que, muito ao contrário de afastar as crianças da leitura, os programas do Sítio do Pica-pau Amarelo na TV Tupi remetiam os telespectadores mirins aos livros originais, promovendo assumidamente o hábito de ler. E com todo o sucesso: as crianças que assistiam os nossos programas liam mesmo os livros de Monteiro Lobato. E disso tivemos, e ainda temos, um amplo "feed-back" — mas isto já é uma outra história, que fica para uma outra vez. ■

Lobato-100 anos

Mitos antigos na paisagem brasileira

Um domador dos deuses

Mauro Santayana

Ilustração de Luís Guilherme Fontenelle Pereira

Dos muitos Monteiros Lobatos, para usar a idéia feliz de Nelson Palma Travassos, o que ficou mais nítido e permanecerá mais tempo é o escritor para crianças. Já são avós os seus leitores mais antigos, veteranos avós, e sua obra continua a encantar os jovens, apesar das ilusões técnicas do tempo. A adatação de seu "Sítio do Picapau Amarelo" para a televisão, com todos os riscos que oferece, mantém o interesse pelo texto original do extraordinário narrador, e lhe dá a oportunidade de difusão mais ampla do que o livro.

Qual o grande segredo de Lobato? Ele reside em trazer para a paisagem e a emoção brasileiras os grandes mitos antigos e os contos de fadas. A sua originalidade está nisso: ele não **adapta** as estórias e lendas conhecidas, mas consegue fazê-las **reviver** em nossa realidade, e **conviver** com os nossos próprios sonhos, a nossa particular fantasia. Ele trabalha com os materiais disponíveis, e sua criação é acessória: reconta, em linguagem mais singela, fábulas tão antigas quanto o homem, e sempre traduzidas não a cada idioma, mas principalmente a cada tempo, pelos sucessivos narradores. Mas, em seu caso, há preocupação maior: a de estabelecer pontes que são históricas (a transposição do tempo), mas também geográficas (a passagem do Velho Continente eurasiático ao continente brasileiro). E este seu trabalho é mais importante do que parece.

A NOSTALGIA DO MITO

A mais fantástica aventura humana foi a travessia do Atlântico e o povoamento do Novo Mundo. Fantástica e inacabada: a cada grande conflito na Europa, ou diante de sua ameaça, a esperança são ainda as terras ocidentais e meridionais. O homem sempre associou a idéia de felicidade à de liberdade, e a de liberdade à de espaço: o que primeiro seduzia o europeu em sua América imaginária não foram exatamente as peças de ouro, mas as pradarias desertas. As terras da América, no entanto, eram desertas de mitos; nelas não havia duendes, nem deuses, nem santos, de sua intimidade. Até hoje, os santos que a Igreja reconhece em cristãos do Novo Mundo são poucos e de mais fraco culto, geralmente só venerados em seus próprios países. Sua canonização obedece muito mais às exigências políticas do que a qualquer outra razão. Mas o homem, que ao vir trouxe seu Deus, devia trazer também seus mitos. Era-lhe **embrutecer-se** como os nativos, se dos nativos aceitasse os mitos autotones. Houve, é certo, algum sincretismo com a mitologia e mesmo com as religiões autotones superiores ali onde elas eram mais fortes (é o caso do México e do Peru, por exemplo) e a solidária convivência e ajuste entre a fé cristã européia e as crenças africanas imigradas no Brasil. Mas, a nível literário, fora as fracassadas tentativas do romantismo, no que aos índios brasileiros se refere, nada houve de sério na apropriação desse movimento.

Havia, portanto, a necessidade de trazer mitos e deuses para a América, assim como foi importante trazer cavalos e bois. Sem o amparo dos seres imaginados, com seus conselhos éticos ou suas ameaças, ficava difícil dominar e povoar o novo mundo. Aqui, no entanto, passadas algumas gerações, esses heróis se tornavam falsos e anêmicos. Os sete anões de Branca de Neve, com suas roupas estranhas, mais pareciam pequenos palhaços do que qualquer outra coisa. Como entender um limpador de chaminés, ou um músico de Bremen? Até mesmo o apelo aos animais soava falso: muitos dos bichos europeus não existem aqui — isso sem falar nas feras asiáticas, frequentes personagens de lendas e fábulas mais antigas. Ora, o recurso que alguns tentaram, de traduzir, pura e simplesmente, os contos e lendas, substituindo leopardos por onças e cegonhas por garças era mais ridículo e inverossímil. Monteiro Lobato, no entanto, foi capaz de conseguir o que parecia impossível: trazer para o Brasil todos os mitos e lendas, em seu estado mais puro ou já transcritos por Perrault, Grimm, Andersen e outros, vivos como se estivessem em um circo. Para isso, conta com dona Benta e Tia Nastácia. À erudição de uma e ao espanto da outra Pedrinho e Narizinho devem o entendimento do mundo por meio dos contos antigos. Há, no narrar de dona Benta e na dúvida (muitas vezes manifestada na exagerada boa fé) da negra, todo um processo dialético. A partir daí cabe à imaginação de Pedrinho e Narizinho o processo de avaliação crítica do conhecimento recebido. Surgem, então, as personagens tipicamente brasileiras, para fazer companhia e atestar a veracidade (ou possibilidade) das estrangeiras. É o porco que se faz Marquês de Rabicó e o vulgar sabugo de milho (e aí vemos a caricatura de Pinóquio) que se transforma em Visconde. Isso sem nos esquecermos do espertíssimo Saci.

A boneca Emília é outro elo entre o real aferido e o real possível, porque, na verdade, como definir o real? Por acaso é mais real o mundo exterior, por ser **físico**, isto é, sólido — ou o mundo interior, no qual o real e o imaginado se igualam no mesmo cogitar? Se quem pensa, existe, na famosa reflexão de Descartes, o que se pensa também existe, de alguma forma. Para repetir Quine, em passagem que impressionou Marcuse, "de um ponto de vista epistemológico, os objetos físicos e os deuses (gregos) diferem apenas em grau, não em substância".

Ou, vendo-se pelo outro lado do espelho, conforme disse Goethe nas suas "Conversações com Eckermann", em 23 de março de 1829: "Die Baukunst ist eine erstarrte Musik" — a arquitetura é música solidificada.

O REALISMO E A POSSIBILIDADE

Voltemos à magia de Monteiro Lobato em seus livros para as crianças: ele faz aceitáveis os contos de fadas e os mitos europeus porque as endossa com o testemunho da nossa realidade. Não só Dona Benta e Tia Nastácia, nas duas pontas do discurso, dizem que tais personagens e situações existem (sobretudo quando fica claro que são **inventadas**) como a imaginação das crianças lhes cria novos testemunhos quando supõem a possibilidade de personagens de sua própria criação. Há heróis que visitam o sítio, e os recursos mágicos levam os personagens do sítio pelo tempo e pelo mundo afora. Toda possibilidade faz fronteira com o real. Com o sítio do Pica-pau Amarelo, Lobato diz às crianças brasileiras que os mitos e as fábulas são possíveis — logo, podem ser, e são reais. O que se passa, apenas, é que — conforme tantos e exaustivos estudos apontam — o conto de fadas é uma forma de linguagem. O que está por detrás são as paixões e as virtudes do homem, transmitidas na alegoria, que é a escritura da emoção, para que assim sejam melhor assimiladas.

Os norte-americanos inventaram os quadrinhos para transcrever os mitos antigos, desenhando os heróis da idade da técnica e do capitalismo. Apesar de toda a influência dos encouraçados capitães marveis e homens-morcegos e aranhas, com o culto da violência bruta como instrumento de discutível ética protestante, é ainda preferível o expediente de Monteiro Lobato: em lugar do homem de aço que vem de outro planeta para nos proteger (um vulgar apolo de meia-tijela), e simbolizar todas as virtudes da força, mais vale arranjar um porco para expiar a nossa vaidade e dele fazer cerimonioso marquês. Para aventuras mais perigosas mandemos Emília, que é feita de trapos velhos e meio sujos.

Os outros Monteiros Lobatos não podem ser entendidos sem a ajuda daquele menino que, em Taubaté, convivia com fadas lidas e ouvidas, mas não deixava de ver marqueses no chiqueiro e viscondes esparsos no terreiro do paiol. ■

Lobato sentado no colo de Oswald de Andrade, apesar do "antimodernismo" do criador de Emília.

"Coerente com os projetos de sua classe social"

Intelectual e empresário

José Carlos Sebe

O ano 1935 foi muito importante no Brasil, quer pelos acontecimentos políticos ocorridos na vida nacional ou pelo significado da projeção de alguns movimentos culturais já considerados "velhos".

De uma maneira geral pode-se dizer que pelo menos grandes manifestações, complementares em certa medida, marcaram os fatos deste tempo. Os movimentos grevistas, que se desdobravam desde o começo do século, atingiram em 34 um marco novo, com a deflagração da primeira greve dos funcionários públicos. No ano seguinte, contudo, as greves foram marcadas por compromissos políticos muito mais delineados. Os fenômenos fundamentais que motivaram as transformações dos movimentos grevistas foram as polarizações das linhas políticas, consubstanciadas nos quadros do Integralismo e da recém-fundada Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Duas ordens políticas se opunham e, catalizando as atenções gerais, as greves convergiam para elas. Para "manter a paz", o poder central se fortaleceu criando a Lei de Segurança Nacional, que garantiria "carta branca" para a ação governamental. Os fatos se ampliaram agressivamente e em novembro foi estabelecido o Estado de Sítio, pelo Congresso.

Ao nível cultural, o que se discutia era a projeção dos movimentos acontecidos na década de 20. Por certo as consequências da Semana de Arte Moderna estavam em questão. "Os filhos finais de uma civilização que acabou" questionavam a própria herança cultural. Divididos, por um lado, estavam os defensores do projeto autoritário, sob as ordens de Plínio Salgado e Menotti del Picchia. De outro, situavam-se os seguidores de Oswald. A opção política parecia ser uma inevitável evolução do nacionalismo literário.

O avanço e a definição de uma forma industrial substitutiva criara na burguesia urbana maneiras de raciocínio político-burocrático que justificavam os (re) posicionamentos. O Estado "Modernizado" teria que gerir em sua máquina um número tal de intelectuais que garantisse, de certa maneira, o substrato ideológico necessário ao poder. Neste sentido é que se pensa no funcionário-intelectual, elemento digerível pelo sistema. Os "primos pobres" da cultura nacional, em muitos casos, tiveram que se render à posição de funcionários do "pensamento oficial", como diria o próprio Lobato. Alguns conseguiram fugir do processo e, via de regra, acabaram por se rebelar contra o poder.

"GANDHI DO MODERNISMO"

Considerando o ano de 1935, e a autocrítica modernista, é de se perguntar da figura de José Bento Monteiro Lobato. Como o criador do Jeca Tatu se posicionava frente aos acontecimentos de então? Talvez a discussão desta questão possa responder mais convincentemente a questão da modernidade lobateana. Um dos problemas cruciais para quem procura entender a obra lobateana está justamente na esquematização determinista de sua produção. Neste sentido, quase sempre, o que se observa é que a obra de Lobato passa a ser "datada" e classificada como "pré-modernista". Se por um lado é exageradamente valorizado o texto antimodernista de Lobato, "Paranóia ou Mistificação", por outro, se esquece até mesmo as relações Lobato-Oswald de Andrade quando este chega a chamá-lo de "Ghandi do modernismo".

Em 35, os intelectuais estavam divididos em linhas e compromissos políticos mais definidos. Alguns escapavam dos "favores" oficiais e buscavam uma posição de independência. Aí se situava Lobato. Naquele ano, escrevia para Davi Pimentel dizendo, no calor da hora, que "Os ismos que estão sendo chocados (comunismo, integralismo) não têm, no fundo, outro programa prático." Para Lobato o que realmente interessava neste era um nacionalismo emergido das soluções dos nossos problemas econômicos. São deste período suas cartas para Getúlio Vargas, Armando Sales de Oliveira e Clóvis Ribeiro. A violência destes textos não abrigava nenhuma dependência partidária.

O sentido da luta política de Lobato evoluiu para um posicionamento mais consistente. Pela ótica do poder, a opção política tendia a restrição do crescimento do empresariado, pois favorável a um modelo político em que o Estado assumisse os espaços buscados por categorias novas do País. Emergiu daí o Estado-comandante e a insatisfação de grupos dinâmicos da sociedade. Lobato foi um exemplo expressivo de posicionamento contrário ao poder, espelhando uma proposta nacionalista nova.

Com o correr do tempo Lobato não deixou a literatura "adulta", como vulgarmente se diz. Como pessoa empenhada no projeto redefinidor da política nacional, superou a retórica literária tradicional e incorporou um discurso diferente: o intelectual empresário.

Seus temas mudaram e muito. Na evolução dos assuntos lobateanos percebe-se que do "Jeca Tatu" e da "Cidade Morta", Lobato chegou aos temas nacionais. Das palavras passou a prática. Na transposição de uma etapa para outra não se perdeu o escritor. Sim é verdade que os compromissos políticos o assumiram mas não é menos verdadeiro que literariamente o programa modernista aconteceu na literatura infantil de Lobato, ou mesmo na mudança do papel do escritor na cena brasileira, como intelectual empresário.

FORA DOS PARTIDOS

Uma trajetória interessante se efetuou na produção lobateana. Tendo sido ele o limite do regionalismo, com a criação do Jeca, a generalização do tema acabou por recolocar a discussão do homem brasileiro como um todo. Houve uma inequívoca mutação de seus propósitos na medida em que os tipos e situações literárias foram transpassadas para a vida prática do autor.

A atuação de Lobato enquanto escritor em 35 foi intensa. Além de muitas traduções, publicou os "Contos Pesados" e os "Contos Leves". Para crianças escreveu "Geografia da Dona Benta", "História das Invenções" "Memórias da Emília". Para os adultos produziu um livro fundamental "O Escândalo do Petróleo", de repercurssões enormes algum tempo depois.

Estaria Monteiro Lobato alheio aos gravíssimos problemas do contexto nacional de 35? Não, ele simplesmente não acreditava nas soluções da problemática nacional pela vertente das lutas partidárias. Seu ideal o jogara em campanhas diferentes. A luta com o governo contra a "invasão do petróleo estrangeiro", o levara a uma atuação diferente. Lobato acreditava que o enriquecimento do País fosse a única solução para as questões nacionais. Como em 32, sua atuação imediata nos acontecimentos públicos esteve ligada à própria determinação política. Suas crenças o conduziram a caminhos diversos.

Em que medida a projeção do escritor consagrado antes dos anos 20 responderia ao confronto dos ideais da elite cultural? Pensando em Lobato percebe-se claramente a coerência com o sentido "praxiológico" de sua produção literária. Homem de ação, fez de seus escritos menos registros esteticamente mais atualizados e mais uma atitude militante política. Enfrentando a problemática da industrialização, levou às últimas consequências seu objetivo enquanto representante de uma elite que migrava com capitais da fazenda para a cidade. A independência partidária levou-o a uma postura verdadeiramente dúbia, mas sem dúvida mais coerente com os projetos de sua classe social. Enquanto os homens de 22 tinham "uma congestão" dos próprios princípios, Lobato digeriu um alimento que nutriu antes e depois da Semana de Arte Moderna. Um balanço do papel do autor em 35 revela alguém além dos "ismos", um Lobato mais lobateano, independente porque autor de um modelo próprio de atuação política. ■

José Carlos Sebe é professor no Departamento de História da USP.